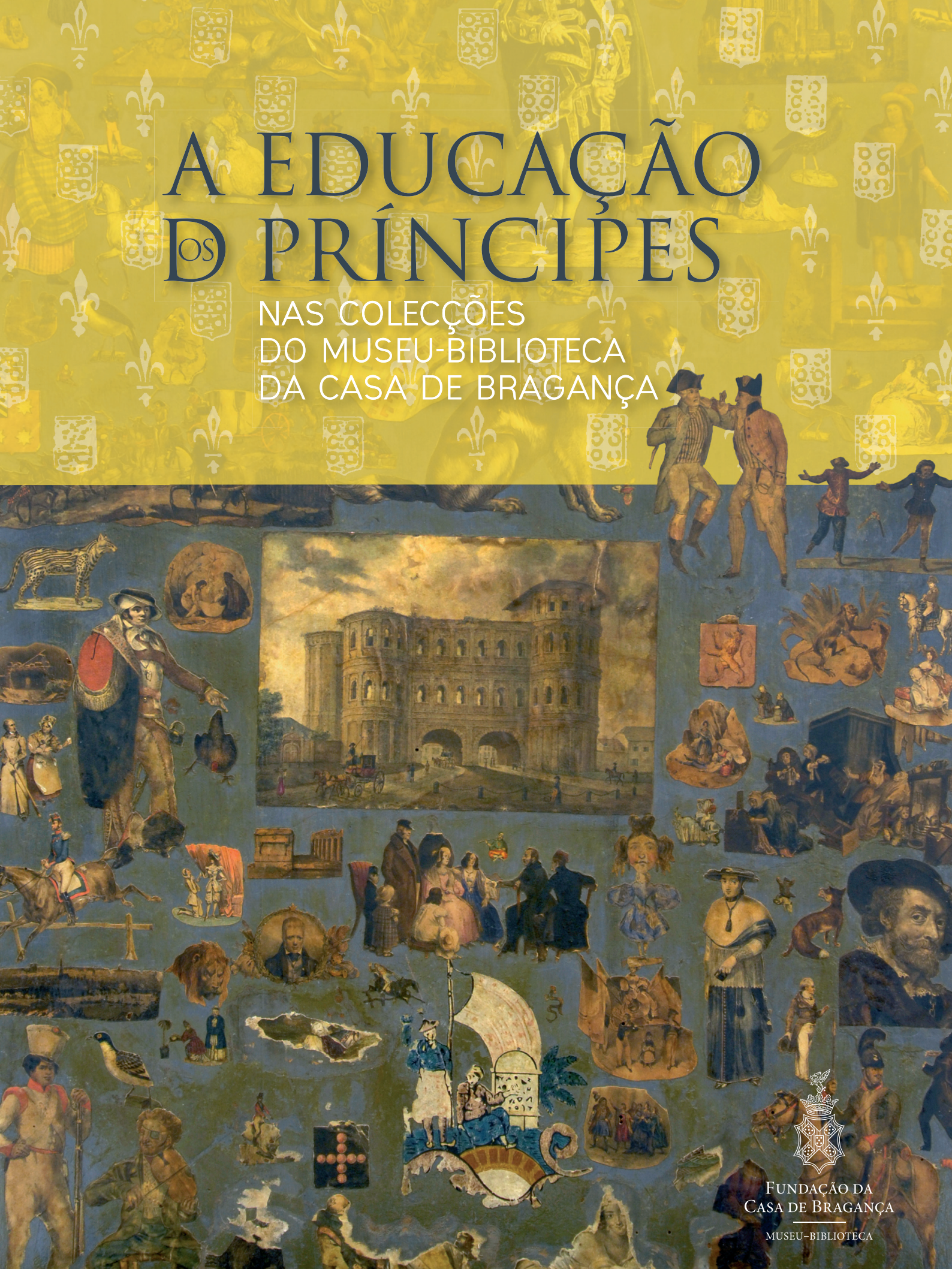


A EDUCAÇÃO DOS PRÍNCIPES

NAS COLECÇÕES
DO MUSEU-BIBLIOTECA
DA CASA DE BRAGANÇA



FUNDAÇÃO DA
CASA DE BRAGANÇA
MUSEU-BIBLIOTECA

Ficha Técnica do catálogo da exposição
A EDUCAÇÃO DOS PRÍNCIPES,
nas coleções do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

Paço Ducal de Vila Viçosa
3 de Novembro de 2017 a 2 de Setembro de 2018

Coordenação

Maria de Jesus Monge

Apoio técnico

Carlos Saramago, Elodie Noruegas e Marta Páscoa

Textos

David Felismino, Maria Antónia Lopes, Maria de Jesus Monge e Rui Castilho de Luna

Entradas de catálogo

Elodie Noruegas e Maria de Jesus Monge

Design gráfico

Rui Belo

Fotografia

Joaquim Real Andrade e Luísa Oliveira / D.G.P.C.

Conservação e Restauro

Ana Leonor Mata e José Ganchinho

Impressão

Greca - Artes Gráficas, Lda.

Abreviaturas utilizadas:

AF – Arquivo Fotográfico

AHCB – Arquivo Histórico da Casa de Bragança

AM – Arquivo Musical

BDMII – Biblioteca de D. Manuel II

MBCB – Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

CM – Colégio Militar

PDVV – Paço Ducal de Vila Viçosa

PNA – Palácio Nacional da Ajuda

As dimensões são apresentadas
altura x largura x profundidade

Depósito legal

433434/17

ISBN

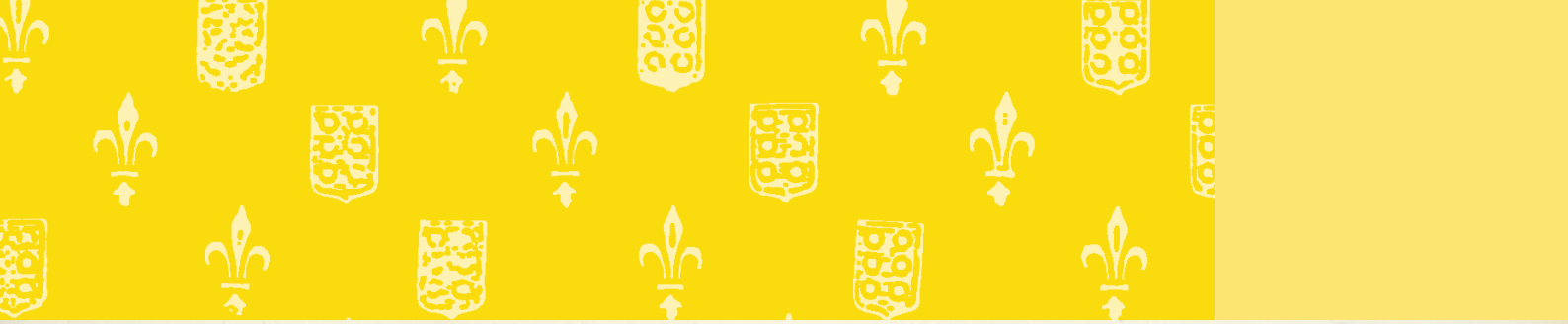
978-972-9195-48-8

Agradecimentos

Colégio Militar, Fernando Menano Lobo Fernandes, Gonçalo Couceiro Feio, João Furtado Coelho, João Vaz, José Alberto Ribeiro, José Fontes Castelo Branco, Maria de Jesus Coelho, Maria João Barros, Nuno Lemos Pires, Palácio Nacional da Ajuda, Pe António Simões, Pe Ricardo Cardoso, Seminário de S. José.

A EDUCAÇÃO DOS PRÍNCIPES,
NAS COLECÇÕES DO MUSEU-BIBLIOTECA
DA CASA DE BRAGANÇA

- 7 A EDUCAÇÃO NA CASA DE BRAGANÇA
MARIA DE JESUS MONGE
- 11 A EDUCAÇÃO DOS PRÍNCIPES NAS ÚLTIMAS
TRÊS GERAÇÕES DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA
MARIA ANTÓNIA LOPES
- 23 A INSTRUÇÃO CIENTÍFICA DOS PRÍNCIPES
DE BRAGANÇA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX
DAVID FELISMINO
- 37 A EDUCAÇÃO MUSICAL DOS PRÍNCIPES DA CASA REAL
PORTUGUESA DE D. MARIA II A D. MANUEL II
RUI CASTILHO DE LUNA
- 46 **CATÁLOGO**
ELODIE NORUEGAS, MARIA DE JESUS MONGE



A EDUCAÇÃO DOS PRÍNCIPES NAS TRÊS ÚLTIMAS GERAÇÕES DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA

MARIA ANTÓNIA LOPES

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Os príncipes das três últimas gerações da família real portuguesa, nascidos entre 1837 e 1889, foram todos políglotas e bons conhecedores de uma vasta gama de saberes que ia das Humanidades às Ciências Naturais e às Artes, dominando em cada uma dessas áreas um amplo leque de disciplinas, a que aliavam as práticas desportivas e os tradicionais talentos das elites. Ao chegarem à vida adulta, o seu saber e diversidade de interesses impôs-se, surpreendendo quem conhecia a cultura habitual de outras cabeças coroadas do tempo e da aristocracia em geral.

A aquisição de uma tal erudição e aptidões só foi possível porque seguiram todos um programa educativo muito exigente, com anos de trabalho árduo. É sobre a educação dos príncipes dessas três gerações que o presente texto se debruça.

OS FILHOS DE D. MARIA II E D. FERNANDO II¹

D. Maria II (1819-1853) era uma mulher inteligente, mas a educação fora negligenciada, atendendo ao papel que lhe estava reservado. Sabia, obviamente, falar e escrever Português e Francês e executava os tradicionais labores femininos. Já no exílio em França, recebeu algumas noções de Aritmética, Geografia, História, Inglês, desenho e música². Mas este ensino foi breve e superficial. As limitações da rainha, na verdade semelhantes às da maioria das aristocratas portuguesas, evidenciavam-se mais, tanto pela sua função de chefe de Estado como por contraste com um marido muito instruído e com interesses culturais diversificados e requintados. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha-Koháry (1816-1885), o rei D. Fernando II, usufruía de uma educação muito exigente, dirigida desde o seus seis anos por Carl Dietz (1801-1888). Falava e escrevia fluentemente alemão, húngaro e francês, sendo as duas primeiras as línguas da sua criação, a de um menino de uma família saxo-austro-húngara. Lia, compreendia e falava inglês e lia latim, italiano e castelhano. Depois, e muito depressa, aprendeu português, que falava e escrevia perfeitamente.

Possuía conhecimentos sólidos de História, Geografia, Literatura, História de Arte, Música e Ciências Naturais, com realce para a Botânica. Cantava, desenhava, pintava e era um ótimo gravador. Os animais e a jardinagem eram outros dos seus interesses. Claro que Fernando aprendeu ainda os saberes indispensáveis ao seu grupo social e dominava-os com mestria no fim da seu período de formação: montar, caçar, dançar, saber estar em qualquer ambiente, recebendo também formação militar. Irá, depois, aplicar este exigente programa educativo aos filhos.

Quanto à formação religiosa, não foi ministrada por Dietz que era protestante, como também o era o pai de D. Fernando, mas este e os irmãos, por obrigação consignada no contrato de casamento dos pais, foram educados no catolicismo da família materna. Embora careça de provas concludentes, penso que D. Fernando aprendeu a doutrina

e os ritos católicos, que praticava, como não podia deixar de ser na corte de Viena, mas a crença que lhe foi inculcada deve ter sido a de um cristianismo comum a católicos e protestantes, que não nutria simpatias por rituais públicos católicos e hierarquias clericais. O que será visível no seu comportamento adulto, tal como nos de D. Luís (1838-1889) e de D. Carlos (1863-1908).

Por sua vez, no juízo de D. Maria II, a sua percetora fora excessiva no que toca a práticas de devoção, o que provocou efeitos opostos aos objetivos. É D. Fernando que o revela:

“A marquesa de Ponta Delgada (D. Leonor da Câmara) era então responsável pela educação da jovem princesa. Era uma mulher íntegra e nutria a maior afeição pela sua pupila mas, devota em demasia, cansava e aborrecia a princesa – que teve sempre caráter forte, alegre e independente – com longas e inúteis devoções que no futuro produziram o contrário do que a velha senhora queria obter. Quantas vezes se vê isto! As crianças acabam por detestar tudo o que queremos que amem à força. A rainha Maria, atormentada na sua infância e juventude, nunca conseguiu depois confiar num padre. A marquesa pregava-lhe tudo o que pode conter a cabeça de uma beata e, consequentemente, a intolerância contra aqueles que não professam as nossas crenças; a rainha, sendo boa cristã, nunca foi beata e a intolerância repugnava à sua alma nobre e generosa”³.

Foi nestes princípios que D. Maria e D. Fernando educaram os filhos, pois tanto D. Pedro V (1837-1861) como D. Luís perfilhavam tais convicções e viveram em conformidade com elas. Por sua vez, D. Luís aplicou a D. Carlos e D. Afonso (1865-1920) um programa semelhante ao que recebera. Graças a D. Fernando, as duas gerações seguintes de reis portugueses foram pessoas esmeradamente cultas e para quem os formalismos religiosos eram indiferentes, o que também se deveu às rainhas D. Maria II e D. Maria Pia de Saboia (1847-1911). A última geração de príncipes, D. Luís Filipe (1887-1908) e D. Manuel (1889-1932), também muito instruída, será diferente na questão religiosa por influência da rainha D. Amélia de Orleães (1865-1951).

D. Maria II fez ponto de honra em que os seus filhos recebessem uma educação exigente que ela não tivera e que, por isso, também não sabia guiar. A tarefa coube ao marido, reproduzindo o seu próprio sistema de educação. Até abril de 1847 a formação dos infantes foi dirigida por Carl Dietz, o antigo percetor do rei, que com ele viera para Portugal. Era um excelente educador e D. Maria e D. Fernando confiavam nele em absoluto. Não se encarregava, obviamente, da instrução religiosa. Dietz foi afastado e

1 Retomam-se aqui, com adaptações e alguns acrescentos, trechos de *D. Fernando II. Um rei avesso à política*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013 (e Lisboa, Temas e Debates, 2016).

2 Ester de LEMOS, *D. Maria II (a rainha e a mulher)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1954, pp. 35-41.

3 Diário memorial de D. Fernando redigido em francês entre 15 e 20 novembro de 1853, publicado integralmente em tradução portuguesa por Maria Antónia LOPES, *D. Fernando II...*, pp. 393-399.



Retrato de D. Maria II (1819-1853). Litografia, 410x300mm. Inv. PDVV 1345



Retrato de D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha (1816-1885). Gravura, 275x216 mm. Inv. PDVV 8400

abandonou Portugal porque se considerou, tanto no nosso país, como na Inglaterra e na família Coburgo, que extravasava as suas funções, agindo como conselheiro político dos monarcas a quem desviava dos princípios constitucionais, alienando-lhes simpatias. Devido à pressão inglesa, D. Maria e D. Fernando foram obrigados a dispensá-lo, embora considerassem a sua saída do Paço das Necessidades irreparável, tanto para instrução dos filhos como pelo amigo que perdiam. Em carta à rainha Vitória, sua prima por afinidade, escrevia D. Maria em abril de 1847 sobre Dietz:

“Vemo-lo partir com o maior desgosto, porque Pedro e Luís ficarão sem ninguém que possa dirigir os seus estudos, que eram dirigidos de uma forma verdadeiramente notável. Temos já um percetor para eles que é o visconde da Carreira, nosso ministro em Paris, um homem excelente e instruído e espero em Deus que tenhamos feito uma boa escolha, mas infelizmente não o poderemos ter connosco tão depressa como desejaríamos”⁴.

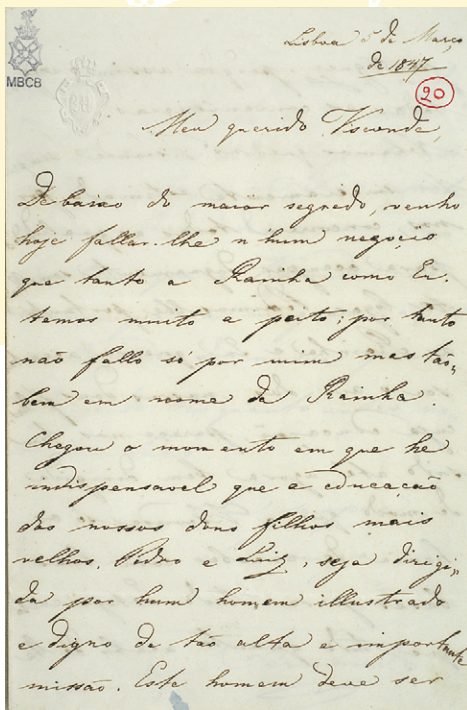
A Luís António de Abreu e Lima (1787-1871), visconde da Carreira, que vivia há catorze anos na capital francesa, onde gostava de estar, nada agradou o convite e ainda se aventurou a responder a D. Fernando que o conde de Vila Real era preferível, devido à sua ligação com as principais famílias portuguesas cuja fidelidade ao trono era desejável conquistar. Mas o rei insistiu e Carreira não teve remédio senão aceitar. Assumiu funções com o título de aio de D. Pedro e de D. Luís, então com 9 e 8 anos. Em julho de 1848, Manuel Moreira Coelho, vice-cônsul em Paris, veio coadjuvar o visconde com o título de subinspetor dos estudos. Foi ele que supervisionou a educação dos

4 Carta da rainha D. Maria II à rainha Vitória, de 20.4.1847, publicada em 1955 por Ruben Andresen LEITÃO *Documentos dos Arquivos de Windsor*, no francês original e citada em tradução por Maria Antónia LOPES, D. Fernando II..., p. 152.

infantes João (1842-1861), Fernando (1846-1861) e Augusto (1847-1889). Das infantas, D. Maria Ana (1843-1884) e D. Antónia (1845-1913), estava encarregada D. Maria de Vasconcelos e Sousa, da família Castelo Melhor. Senhora tão severa, que na véspera do casamento de Antónia ainda a mandou estudar Inglês. Era assistida por Alexandrina Augusta Weber, alemã, que também auxiliava Moreira com os infantes mais novos. Manuel Moreira e Alexandrina Weber seriam incansáveis quando a doença e morte se abateu sobre os seus pupilos em 1861.

D. Maria e D. Fernando comunicavam entre si em francês e português e o rei falava com os filhos em alemão. Os servidores que os rodeavam, desde os superiores, vários deles fidalgos, aos criados mais humildes, expressavam-se também num dos três idiomas. Não é, portanto, de espantar que os infantes e infantas crescessem a falar essas línguas. Aos três anos de idade, e nas palavras do pai, Pedro falava muito bem alemão, francês e português. Depois, a instrução formal ensinou-os a dominá-las na forma escrita, a que se acrescentou o inglês para todos e o latim e o grego para os rapazes. Nesta época a aprendizagem da leitura precedia a da escrita. Em 1842, Dietz informou o duque Fernando (pai do rei) que o seu neto Pedro, então com 4 anos, rendia muito nos estudos, fazendo os maiores progressos e, acrescentava orgulhoso, que na véspera, 20 de março, começara a escrever. Aos 6 anos, Pedro escrevia bem alemão, dirigindo uma cartinha ao tio-avô, o duque Ernesto I. Antes de completar 7 anos, também João redigia ditados em inglês, alemão, francês e português, embora a sua predileção fossem os números. As irmãs não lhes ficavam atrás. Maria Ana, com cinco anos e meio, escrevia alemão, francês e português.

A mãe, que adorava os filhos e gostava de estar com eles, era severa. Nunca permitiu que tratassem os criados com desrespeito, incluindo o tratamento por tu ou a omissão de senhor ou senhora para os mais graduados. Devido às suas idades, foram educados aos pares, tal como o pai Fernando e seu irmão Augusto. Assim, recebiam lições juntas: Pedro e Luís, Maria Ana e Antónia, e Fernando e Augusto. João,



Correspondência com Visconde da Carreira, 25 março 1847. Papel manuscrito, 185x120mm. AHCN NNG 3669



Lição (pormenor), D. Fernando Saxe-Coburgo Gotha, 1844. Grafite e tinta sobre papel, 208x134mm. Inv. PDVV 5371

que era quatro anos mais novo do que Luís, e porque não se ensinavam meninos e meninas em conjunto, ficou isolado.

Francisco António Martins Bastos (1799-1868), a quem devemos informações preciosas sobre a educação dos infantes, foi contratado em agosto de 1847 como professor de Latim de Pedro e de Luís, que se iniciavam então no estudo da língua. Recebeu da rainha a ordem de não ter com eles “consideração alguma particular” e de lhes dar aulas sentado⁵. Deslocava-se ao Paço das Necessidades três vezes por semana. Nesse mês a família real estava em Lisboa, mas usualmente mudava-se para Sintra (Paço da Vila) entre julho e setembro, com uns dias em Mafra. Nessa altura, os mestres iam também dar as aulas, tanto a Sintra como a Mafra, mas só uma vez por semana.

Martins Bastos afirma que foi ele que iniciou os exames dos infantes perante os pais e pessoas da corte, em abril de 1848. Depois tornaram-se regulares a todas as disciplinas e realizavam-se em dezembro. As crianças prestavam as suas provas em ambiente formal e no fim D. Fernando escrevia o seu parecer. No mesmo documento, a rainha e os restantes assistentes votavam a nota. Assim, logo nas primeiras provas de Latim, o rei escreveu sobre a prestação do filho mais velho: “Pareceu-me muito adiantado na Latinidade o Sr. D. Pedro, tendo o mesmo senhor traduzido com a maior facilidade e propriedade dos termos um capítulo de Eutrópio e duas fábulas de Fedro, analisando o capítu-

lo de Eutrópio”⁶. A mãe atribuiu-lhe um “Bem”, as restantes senhoras “Muito bem” e os cavalheiros, incluindo o visconde da Carreira, “Muitíssimo Bem”. A rainha – e decerto vários outros membros deste júri, nomeadamente as senhoras – não sabia Latim, mas para a orientar tinha o parecer de D. Fernando. A seguir às provas havia uma refeição onde todos participavam, recreio nos jardins e um pequeno sarau com o músico e compositor Manuel Inocêncio (1802-1887) a acompanhar ao piano a bela voz do rei.

Quando Pedro e Luís iniciaram os seus estudos de Latim com o professor Bastos, no verão de 1847, foram também contratados mestres de Inglês (Carlos Mylton Gra-veley), Desenho e Pintura (António Manuel da Fonseca, 1796-1890) e Música (Manuel Inocêncio). Continuavam a receber lições de Alemão e Francês e tinham ainda aulas de Doutrina Cristã, Ginástica, Dança, Esgrima e Equitação. A Botânica e a Zoologia entusiasmavam os dois irmãos e praticavam-nas nos seus talhões e no museu de História Natural que eles próprios principiaram a organizar em fins de 1847. Em abril de 1851 escreve a sua jovem tia Maria Amélia (1831-1853), filha de D. Pedro IV e da sua segunda esposa: “Fui há dias com a Mãe ver o museu dos meus sobrinhos Pedro e Luís que eles mesmos começaram e classificaram: consiste principalmente em pássaros e conchas. Os sobrinhos gostam muito de História Natural e em geral são muito estudiosos. Pedro desenha mui bem e toca mui bem piano tanto com música como de cor”⁷.

Ao completar 12 anos, em setembro de 1849, D. Pedro iniciou os estudos de Grego, Retórica, Filosofia Racional e Moral, His-

5 Francisco António Martins BASTOS, *Memórias para a história de el-rey fidelissimo o Senhor Dom Pedro V e de seus augustos irmãos, dedicada a sua magestade fidelissima el-rey o Senhor Dom Luiz I*, Lisboa, Typ. Universal, 1863, pp. 24-25.

6 *Idem, ibidem*, p. 41.

7 Carta da princesa Maria Amélia ao irmão, Pedro II, imperador do Brasil, 11.4.1851 publicada em 2009 por Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e BRAGANÇA (*A princesa Flor Dona Maria Amélia...*) e cit. em Maria Antónia Lopes, *D. Fernando II...*, p. 155.

tória e Direito Natural. Foi então que António José Viale (1806-1889), um reputado classicista, entrou no paço como mestre dos príncipes. Em janeiro de 1851, foi a vez de Filipe Folque (1800-1874), contratado como professor de Matemática. Nesta altura, D. Fernando considerou que o filho mais velho dominava o Latim. Martins Bastos continuou a ensinar D. Luís durante mais um ano e ainda D. João, que começara os seus estudos latinos em 1850, ao abeirar-se dos 8 anos. D. Augusto fê-lo aos 9 anos e com certeza que o infante D. Fernando teria também 8 ou 9 anos quando iniciou essas lições.

O regime diário imposto às crianças era exigente. Deitavam-se e acordavam muito cedo. Como se praticava em todas as classes superiores da época, as crianças não tomavam as refeições com os pais. Assim, os infantes sentavam-se à mesa com o visconde da Carreira e Moreira Coelho e as infantas com D. Maria de Vasconcelos e Sousa. O pequeno almoço (a que se chamava almoço) era às 8h, o almoço (que se dizia jantar) às 13h ou 14h e o jantar (a ceia) às 20h. As bebidas alcoólicas estavam-lhes interditas. As lições começavam ainda antes da primeira refeição. Às 6h da manhã, recorda Martins Bastos, várias vezes viu as infantas estudar piano com o mestre Inocêncio. Depois sucediam-se as aulas até ao meio da

tarde. A essa hora iam para o picadeiro do paço praticar equitação e para os jardins, onde jardinavam, cultivavam produtos hortícolas e criavam aves. Os rapazes faziam também trabalhos de marcenaria e as raparigas os tradicionais labores.

A esta ampla gama de saberes, os últimos com componente lúdica, juntavam-se outras atividades divertidas como representações teatrais que organizavam para os pais, pequenos concertos e, desde meninos, a celebração do Natal ao modo ger-

mânico, que o pai introduzira no paço e em Portugal e que encantava a rainha: a árvore armada em cima de uma mesa rodeada de prendas e a vinda do Pai Natal (o rei disfarçado) com um saco cheio de mais presentes que distribuía às crianças – como se pode ver em gravuras a água-forte executadas por D. Fernando em 1844 e 1848⁸.

Depois da morte da mãe, a 15 de novembro de 1853, e cumprido o nojo protocolar dos oito dias de encerramento nos quartos, a rotina das crianças continuou. Fez-se o costumado exame de dezembro, mas devido ao luto não houve banquete, passeio e sarau.

A educação religiosa foi também muito cuidada, mas creio que a das infantas mais devota do que a mãe gostaria. No dia em que completou 9 anos, em 1846, D. Pedro confessou-se ao patriarca e fez a sua primeira comunhão na igreja do mosteiro dos Jerónimos. D. Luís confessou-se também nesse dia pela primeira vez, mas só comungou no ano seguinte. Receberam os dois a confirmação durante a regência de D. Fernando, antes de saírem para a sua viagem de instrução pelo estrangeiro a coroar o seu programa educativo. A cerimónia do crisma decorreu no paço das Necessidades, a 20 de maio de 1854, uma semana antes da partida. Cinco anos depois, já D. Estefânia era rainha de Portugal, foi a vez das infantas receberem esse sacramento, meses antes de a mais velha se casar.

As viagens de instrução de D. Pedro pelo estrangeiro haviam sido decididas em vida de D. Maria II. Uma carta da rainha Vitória escrita em outubro de 1853 revela que nessa altura se escolhera o ano seguinte para uma visita de Pedro a Inglaterra⁹. Talvez então apenas a esse país porque, segundo Francisco Bastos, os monarcas portugueses queriam que D. Pedro fizesse uma longa viagem de dois anos quando atingisse a maioridade. Depois, planeavam entregar-lhe a regência para que então pudessem eles encetar uma viagem de recreio¹⁰. Com a morte da rainha, nada disto foi possível e as viagens de D. Pedro, já rei embora menor, tiveram de ser realizadas durante a regência do pai.

Partiu com ele o irmão D. Luís, agora príncipe herdeiro, a 28 de maio de 1854. Acompanharam-nos o aio (visconde da Carreira), o Dr. Folque (que fora seu professor de Matemática), o duque da Terceira, Francisco de Melo (filho do marquês de Ficalho) e o barão de Sarmiento, além dos criados particulares. Dirigiram-se a Inglaterra, onde estiveram um mês, e daí passaram à Bélgica, Holanda, Prússia, Saxe-Coburgo-Gotha, Saxónia e Áustria. No regresso evitaram Paris, onde grassava a cólera, mas encontraram-se com o imperador Napoleão III em Bologne-sur-Mer. Depois de nova e curta estada na Inglaterra, aportaram em Lisboa a 15 de setembro. No ano seguinte, entre 20 de maio e 14 de agosto,

8 Publicadas, assim como muitas outras, por José TEIXEIRA, *D. Fernando II. Rei-artista, artista-rei*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1986.

9 Citada por Olivier DE-FRANCE, *Léopold Ier et le clan Cobourg*, Bruxelas, Éditions Racine, 2004, p. 258.

10 Francisco António Martins BASTOS, *Memórias para a história de el-rey fidelissimo...*, p. 91.

os dois príncipes empreenderam nova viagem de instrução. Desta vez percorreram a França, a Itália (onde foram aos vários países então aí existentes), a Suíça, alguns estados renanos, regressando pela Bélgica e a Inglaterra.

Enquanto os dois príncipes mais velhos viajavam, os irmãos seguiam o quotidiano de estudos e outras atividades já imposto no tempo da mãe, incluindo a mudança de toda a família para Sintra durante o verão, entrecortada com estada em Mafra.

O infante D. João saiu do país pela primeira vez em setembro de 1861, quando, com D. Luís, acompanhou a irmã Antónia recém-casada. Foi nessa altura que os infantes mais novos, D. Fernando e D. Augusto, se deslocaram a Vila Viçosa, onde nunca haviam estado. O jovem rei D. Pedro oferecia-lhes essas férias para os consolar da partida da irmã, até porque nesse ano não tinham saído de Lisboa. Os dois infantes regressaram à capital a 6 de outubro, a fim de retomarem as aulas, ficando o rei no Alentejo alguns dias mais. Segundo Francisco Bastos, a 12 de outubro D. Fernando mandou que os dois filhos mais novos o acompanhassem de comboio a Santarém a esperar D. Pedro. Numa versão muito diferente da mais conhecida e plausível, que atribui a doença dos infantes e do rei a tifo contraído em Vila Viçosa, o professor Bastos imputa a doença dos príncipes a esta viagem de comboio, onde apanharam muito frio.



São Nicolau com os infantes, D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, 1848. Água-forte sobre papel velino, 140x220mm. Inv. PDVV 864

OS FILHOS DE D. LUÍS E D. MARIA PIA¹¹

Como acabámos de ler, a instrução de D. Luís foi primorosa. Quanto à nova educadora, a rainha D. Maria Pia de Saboia, embora tivesse tido uma educação muito mais cuidada do que a de D. Maria II, também ela não podia ombrear com o marido em conhecimentos, o que seria muito difícil para qualquer princesa. Foi, à semelhança da sogra que nunca conheceu, uma mãe que gostava de estar com os filhos e uma educadora atenta e exigente, apesar de não possuir, tal como D. Maria, uma referência materna que a guiasse, pois ambas ficaram órfãs de mãe aos sete anos de idade. Mas talvez devido a essa dolorosa carência ambas perceberam como o seu papel na educação dos filhos podia e devia ser determinante.

A princesa Maria Pia cresceu a falar três línguas: o francês que era utilizado pelos cortesãos; o piemontês, a língua do povo, dos criados e usado com frequência por Vítor Manuel, seu pai; e o italiano, o idioma que os Saboias tinham de dominar, agora que o Piemonte almejava unificar a península. A sua instrução formal incidiu sobre Italiano, Francês, Alemão, Geografia, História, Literatura italiana e francesa, Aritmética, Geometria, Cosmografia, Física, Desenho, Pintura, Educação Musical, Equitação e Trabalhos Manuais femininos, além da Instrução Religiosa. Carecem, portanto, de fundamento as afirmações sobre a educação negligenciada da rainha D. Maria Pia. O que sucedeu é que foi interrompida demasiado cedo, ao casar e vir para Portugal antes de completar 15 anos. Mas mesmo depois não deixou de aprender o que mais gostava, como piano, desenho e pintura. Não podem equiparar-se as suas aptidões literárias e artísticas às de D. Maria II.

Os testemunhos são unânimes quando se reportam a D. Maria Pia enquanto mãe e educadora: era severa, muito atenta e preocupada com a instrução e comportamento dos filhos, obrigando-os a ser afáveis com todos. O ensino proporcionado aos príncipes foi profundo a nível intelectual, artístico e desportivo e os resultados foram notáveis em D. Carlos, mas não em D. Afonso, no que respeita a matérias de índole intelectual e artística. Quanto à delicadeza no trato e respeito pelos outros, incluindo serviços, o êxito foi completo, tornaram-se ambos de uma amabilidade proverbial.

11 Retomam-se aqui, com adaptações, trechos de *Rainhas que o povo amou*. Estefânia de Hohenzollern. Maria Pia de Saboia, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011 (e Lisboa, Temas e Debates, 2013) e recorre-se também à obra de Carmina Correia GUEDES, *A educação dos príncipes no Paço da Ajuda* (1863-1884), Lisboa, Ministério da Cultura/ IPPA/ Palácio Nacional da Ajuda, 2004.

de preceptora dos príncipes. D. Maria Pia estava grávida e foi talvez por isso que delegou nesta altura. Mas nunca deixou de ser uma mãe e educadora muito presente que, de certo, procurava informar-se, pois tinha na sua biblioteca a obra *Education maternelle, simples leçons d'une mère à ses enfants* de Amable Tastu. Maria Pia era também uma mãe carinhosa que proporcionava aos filhos, a par de uma instrução exigente, momentos de alegria e descontração com jogos, brinquedos, passeios e festas, não se poupando a esforços na sua organização. São bem conhecidas as festas de Natal e de Carnaval que a rainha organizava no Palácio da Ajuda para as crianças, descritas por Tomás de Melo Breyner, um ano mais novo do que D. Afonso. Usemos o seu texto.

“Os convites, feitos em nome do príncipe real e de seu irmão o infante D. Afonso, eram mandados aos filhos das pessoas da corte, da casa militar, dos ministros de Estado e do corpo diplomático. Houve duas árvores de Natal [festas de Natal] às quais assisti. Uma delas foi de tarde, mas a outra foi à noite depois de jantar.

As crianças levadas pelos pais juntavam-se na grande sala de espera que se segue à sala chamada dos arceiros. Estou a ouvir a algazarra da pequenada impaciente e a ouvir também a exclamação de toda ela quando o visconde de Moçamedes de cara amável abria de par em par as portas da sala do conselho de Estado, onde estava toda a família real. No meio via-se um enorme pinheiro iluminado e cheio de presentes. Uma onda de crianças invadia a sala com fúria e era tal o deslumbramento de todas elas que nos primeiros minutos se calavam para depois recomeçarem em gritaria reforçada. Restabelecida com dificuldade a ordem, começava a distribuição dos presentes. Duma vez tive um uniforme de *huzard* e doutra uma caixa de jogos (...). Além do *presente grande*, cada pequenino convidado levava para casa uma carregação de rebuçados, chocolates e canudos de confeitos. A festa acabava por um jantar, ou ceia, na sala de mármore sob a presidência dos dois filhos d'el-rei. A mesa tinha ao centro uma fonte de água corrente. Serviam muitos criados fardados. As famílias encostadas às paredes estavam encantadas com a felicidade dos respectivos meninos. A rainha não parava, sempre a chegar-se aos convidados dos filhos para ver se estavam contentes.

Assisti a mais duas festas no paço da Ajuda e nas mesmas salas, mas essas foram bailes de entrudo dados de dia com meninos e meninas mascarados. Teria eu os meus seis anos [1873] quando assisti à primeira destas funções. Os príncipes apareceram vestidos ambos eles de *mazzanielos* que é como quem diz pescadores napolitanos. [...] Havia crianças das famílias Palmela, Ficalho, Moçamedes, Sousa Hos-

A partir de 1866, D. Maria Teresa de Assis Mascarenhas assume as funções



Retrato de D. Luís I (1838-1890). A. Bobone, Atelier Fillon, c.1880
Fotografia, 340x200mm. Inv. PDVV 2563

tein, Sesimbra, Sabugosa, Lumiares, Linhares, Belmontes, Belas, Pombeiros, etc. As meninas, vestidas de Alsacianas, eram Alcáçovas, Galveias e Barcelinhos¹².

Para festejar os aniversários dos filhos, além da refeição protocolar, a rainha não prescindia de lhes proporcionar um banquete com crianças da sua idade. E não lhes faltavam brinquedos. Tomás Breyner viu-os chegar a Mafra com jogos de arcos e flechas, com patins de rodas que ele nunca vira e uma pequena carruagem oferecida pelo avô Vítor Manuel II. Os infantes também festejavam os Santos Populares. Em Queluz, nos anos de 1875 e 1876, divertiram-se a lançar fogo de artifício da varanda.

A 14 de março de 1869, dia do aniversário do avô Vítor Manuel, o príncipe real tomou assento na mesa da corte pela primeira vez. A 17 de novembro do ano seguinte, completados os 7 anos, iniciou a sua educação primária com Júlio Joubert Chaves. Já lia português e francês ensinados pela preceptora D. Maria Teresa Mascarenhas. O plano dos estudos secundários e superiores dos dois príncipes foi delineado logo em 1873 pelo aio, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens (1824-1895), mais conhecido por Martens Ferrão, um doutor em Direito e político importante do Partido Regenerador. Henrique O'Neill (1821-1889), cultor de belas-letas, era o preceptor.

“Durante todo o período de instrução primária e secundária (1870-1883), D. Carlos e D. Afonso tiveram 23 professores, sendo 16 professores oficiais¹³, entre outros: Augusto



Retrato D. Maria Pia de Sabóia (1847-1911). A. Bobone, Atelier Fillon.
Fotografia, 307x175mm. Inv. PDVV 2567

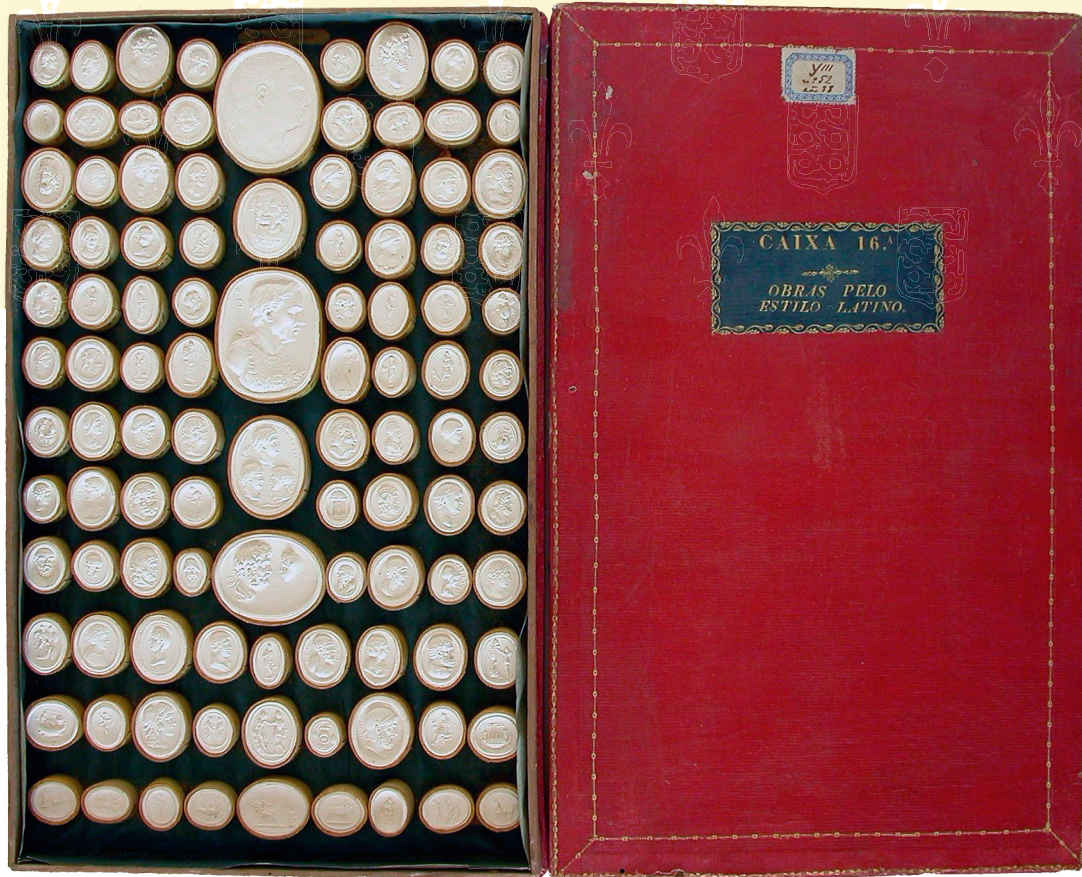
José da Cunha (Ciências), António José Viale (Latim), Joaquim Alves de Sousa (Humanidades), Anton Herman Roeder (Alemão), M. Davidson (Inglês), Eduardo Júlio Joubert Chaves (Português), Teodoro da Mota (Desenho), Henrique Casanova, Tomás José da Anunciação e Miguel Angelo Lupi (Pintura), Manuel Inocêncio dos Santos (Música) e I. Roger (Ginástica). “À semelhança do ensino no liceu estatal, os príncipes tiveram sete anos de curso, com exames no 3º, no 5º e no 7º ano. Cumpriram as onze disciplinas obrigatórias que integravam a instrução primária e secundária: Português, Latim, Francês, Alemão, Inglês, Geografia, História, Matemática, Ciências Naturais, Filosofia e Desenho¹⁴, a que se acrescentaram Italiano, Grego, Direito, Física, Pintura, Música, Ginástica, Esgrima, Equitação e Instrução Militar. Vários professores já o tinham sido de D. Luís, como Manuel Inocêncio, António José Viale, Roeder e outros.

Tal como o pai com D. Pedro e o avô com Augusto, os irmãos Carlos e Afonso tinham aulas em conjunto. Aulas e horas de estudo que se prolongavam das 8 às 19h

12 Trecho de Tomás de Melo BREYNER, *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner...*, publicado em 1930 e cit. em *Maria Antónia Lopes, Rainhas que o povo amou...*, pp. 199-200.

13 Carmina Correia GUEDES, *A educação dos príncipes no Paço da Ajuda...*, p. 103.

14 Carmina Correia GUEDES, *A educação dos príncipes no Paço da Ajuda...*, p. 107.



Caixa com camafeus: Obras pelo Estilo Latino. Itália, século XVIII-XIX. Gesso, 332x210mm. Inv. PDVV 6414

de segunda a sábado e ainda aos domingos, com algumas horas de estudo e de ensino de doutrina católica. As disciplinas em que foram instruídos e que, naturalmente, foram mudando entre 1870 e 1884, podem ser conferidas nos cadernos escolares, exames e livros que se conservam no Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, neste Paço Ducal de Vila Viçosa. Em carta ao pai de 15 de julho de 1875, D. Maria Pia diz-lhe que os netos estão muito bem, praticam com as armas, montam bem a cavalo e fazem ginástica. A rainha, que sabia o que mais interessava ao pai, não se refere à profunda instrução livresca.

A 15 de abril de 1877, D. Carlos fez a sua primeira comunhão. Tinha 13 anos, como era habitual na sua época. Confessara-se pela primeira vez em abril de 1871, aos 7 anos, a idade da razão e da capacidade para pecar, segundo a doutrina católica. Provavelmente ia à missa desde setembro do ano anterior, quando atingira essa idade. Sabe-se que D. Afonso assistiu pela primeira vez à missa, na tribuna real da Capela da Ajuda, a 31 de julho de 1872, dia do seu sétimo aniversário. A educação religiosa que D. Luís e D. Maria Pia proporcionaram aos filhos foi irrepreensível. Os reis eram crentes, mas não apreciavam manifestações exteriores de religiosidade nem o convívio de eclesiásticos. Repetiam, exatamente, o que D. Maria e D. Fernando pensavam e praticaram e transmitiram os mesmos sentimentos a D. Carlos e a D. Afonso, como já se disse.

A 22 de maio de 1883, depois de D. Carlos ter prestado juramento nas cortes como regente, o rei e a rainha partiram para Espanha em visita de Estado e em retribuição da vin-

da a Lisboa dos soberanos espanhóis. A ausência de D. Luís foi apenas de dez dias, mas a da rainha prolongou-se. Em Madrid esperou os filhos que se lhe reuniram para encetar uma longa viagem de instrução a que se associava também a busca de uma noiva para D. Carlos. D. Afonso atravessava a fronteira pela primeira vez e viajaria sempre com a mãe, salvo em alguns trajetos em Itália. D. Carlos prosseguiria a viagem sem eles, sendo então supervisionado pelos professores e políticos António Augusto de Aguiar e Martens Ferrão (1838-1887).

Os dois príncipes portugueses conheceram a Itália, fazendo um périplo parcialmente em companhia da mãe e dos reis e príncipe herdeiro de Itália, seus tios e primo. Estiveram em Roma, Nápoles, Messina, Catânia, Palermo, La Spezia, Florença, Veneza, Monza e Turim. Conheceram as belas paisagens e monumentos, participaram em paradas militares, viajaram em navios da marinha, contactaram académicos e artistas – num programa que se desenrolou tanto em percursos privados como em eventos oficiais da família real italiana que era também a sua. D. Maria Pia sentiu-se orgulhosa dos filhos. Depois, já em território germânico, a rainha e D. Afonso dirigiram-se para a Suíça em viagem privada, enquanto D. Carlos prosseguia a sua jornada de instrução (e demanda de noiva) pela Baviera, Áustria, Saxónia, França e Inglaterra, visitando museus, escolas, hospitais, universidades, parlamentos, cortes régias, fábricas, instituições de comércio... Regressou a Lisboa a 21 de dezembro de 1883, onde mãe e irmão mais novo já se encontravam desde 6 de setembro. Será só em janeiro de 1886 que encontrará uma noiva.

OS FILHOS DE D. CARLOS E D. AMÉLIA¹⁵

Amélia de Orleães recebeu uma educação cuidada, semelhante à que se reservava às jovens da alta aristocracia francesa, à qual se acrescentou o domínio da língua castelhana, o idioma da família materna, que era franco-espanhola e vivia em Espanha. A sua formação não se equiparava à do marido, em profundidade e abrangência, mas isso seria difícil de alcançar, fosse qual fosse a princesa escolhida. O casal instalou-se no Palácio de Belém, mudando para o das Necessidades em 1892, que via agora uma nova geração de príncipes a crescer e a aprender.

O programa educativo que o casal Carlos-Amélia aplicou aos filhos seguiu a exigência que se estabelecera na Casa Real portuguesa da monarquia constitucional. Com duas alterações importantes: a profunda religiosidade imprimida pela mãe e, em 1897, a entrega do cargo de ayo do herdeiro do trono, então com 10 anos, a um militar de carreira, Mouzinho de Albuquerque (1855-1902). Mas após o suicídio deste, a função foi confiada a António Maria Correia de Sá e Benevides (1840-1910), 8º visconde de Asseca, doutor em ciências políticas e administrativas pela Universidade de Lovaina. Quanto ao preceptor dos dois irmãos, aquele que orientou os estudos a partir dos 12 anos, era Franz Kerausch, um austríaco. Como professora dos primeiros anos haviam tido D. Carlota Campos, supervisionada por D. Isabel Saldanha da Ponte.

As disciplinas ensinadas seguiram o programa liceal em vigor (reforma de 1895), que era exigente, com acrescento de matérias próprias ao estatuto e funções que os esperavam. Estudaram, portanto, Língua, Literatura e História portuguesa, francesa, inglesa e alemã, Latim, Geografia, Desenho, Música, Matemática, Ciências Naturais – tendo sido estas duas últimas respetivamente reforçada e introduzida na educação de D. Manuel só em 1904, quando iniciou a sua preparação para o ingresso na Escola Naval.

Maria Cândida Proença, que analisou os cadernos escolares e as cadernetas de avaliações existentes neste Palácio Ducal de Vila Viçosa, já demonstrou o rigor da educação dos príncipes, mas também assinalou uma estranha ausência no programa educativo de D. Manuel: a Filosofia, presente no currículo dos alunos liceais portugueses. Muito compreensivelmente, os infantes receberam uma educação mais profunda ao nível das línguas estrangeiras e num conjunto de saberes que só as elites aprendiam: equitação, esgrima, pintura e estudo aprofundado de piano para D. Manuel, atendendo às suas aptidões e gosto. Praticavam ambos ginástica e os novos desportos de ténis e remo, além da caça. Por isso o dia era longo, com o estudo e as aulas que se estendiam das 7 às 19h. Tal como nas duas gerações anteriores, os filhos de D. Carlos prestavam provas públicas dos seus conhecimentos.

A família real seguia o calendário de avaliações adotado no país, com exames no 3º, 5º e 7º anos do ensino secundário.

Como futuro rei constitucional, D. Luís Filipe recebeu ainda instrução em Direito, Ciência Militar e Economia Política. Mas o duplo homicídio de 1 de fevereiro de 1908 fez do irmão o monarca seguinte. Logo a partir de maio desse ano, D. Manuel II iniciou a sua preparação em Direito, Tática Militar e Economia Política¹⁶, que não seriam matérias de sua especial predileção. D. Luís Filipe era um aficionado da caça, no que acompanhava os pais, e do mundo do automóvel e da mecânica, como o tio Afonso. Quanto a D. Manuel, de gostos mais requintados, desde cedo manifestou paixão pela música, o que teria deliciado o bisavô Fernando e o avô Luís, ambos melómanos. Apreciava também a literatura, como D. Luís. Tornar-se-á, como se sabe, um bibliógrafo notável.

À semelhança das duas gerações anteriores, proporcionaram-se a estes príncipes viagens de instrução. Em 1901, o príncipe real, D. Luís Filipe, percorreu o Norte do país com o ayo e o preceptor (Mouzinho de Albuquerque e Franz Kerausch) e no ano seguinte, com apenas 15 anos, foi encarregado de representar a família real na coroação de Eduardo VII. Mas a sua educação ainda não estava completa e em 1903 a rainha D. Amélia organizou uma esplêndida viagem de instrução que durou três meses: de barco pelo Mediterrâneo, bordejaram as suas costas e visitaram todas essas regiões, da Andaluzia à Argélia, de Malta ao Egito e deste à Sicília, Campânia e Riviera francesa. Aqui, mãe e filhos separaram-se, continuando a rainha para Paris e os infantes para Bordéus, de onde regressaram a Lisboa de barco.

Num tempo marcado por profundas mudanças nas Artes, nas Letras e nas Ciências, acompanhadas por um crescente acesso à cultura pelas classes médias; num tempo marcado pela implantação de um novo regime político em que os monarcas já não o eram por direito divino nem governavam, mas detinham o importantíssimo poder moderador de um sistema parlamentar; num tempo assim, que em Portugal decorreu de 1834 a 1910, a preparação política, literária, científica e artística dos reis, aliada à delicadeza de trato e ao *savoir faire* que deveriam usar nas mais variadas situações, eram atributos decisivos para o bom funcionamento das instituições, para a conquista do respeito dos cidadãos (que

15 Texto que se socorre, sobretudo, de duas obras: Maria Cândida PROENÇA, *D. Manuel II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006; e Margarida DURÃES, *A rainha mal-amada. Amélia de Orleães*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

16 José Alberto RIBEIRO, *Rainha D. Amélia. Uma biografia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013, p. 165.



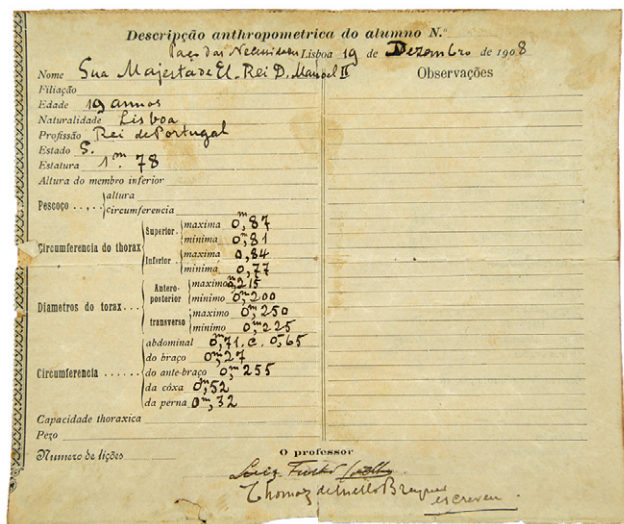
Retrato D. Carlos (1863-1908). 1900. Esmalte, 40x51mm. Inv. PDVV 2390



Retrato D. Amélia de Orleães (1865-1951). Carlos Hugo Richter, Aveiro, 12.11.1908. Marfim pintado, 69x58 mm. Inv. PDVV 2397

já não eram súbditos) e para a adesão de todas as classes ao regime e à dinastia.

Tal desiderato só seria alcançável se a infância e a juventude dos chefes de Estado fossem orientadas para esse objetivo, o que implicava uma vasta preparação, intensa disciplina e trabalho árduo de longos anos. Em Portugal, os monarcas reinantes e consortes deste novel regime político perceberam o que se esperava deles enquanto formadores do novo tipo de reis e famílias reais. Foi com tais propósitos que con-figuraram o programa educativo dos filhos.



Descrição anthropometrica do aluno D. Manuel II pelo professor de ginástica sueca Luís Furtado Coelho, 1908. Papel sobre cartão, 220X185mm. Inv. PDVV 9247

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, Francisco Antonio Martins, *Memorias para a historia de el-rey fidelissimo o Senhor Dom Pedro V e de seus augustos irmãos, dedicada a sua magestade fidelissima el-rey o Senhor Dom Luiz I*, Lisboa, Typ. Universal, 1863.
- BENEVIDES, Francisco da Fonseca, *Rainhas de Portugal. Estudo historico*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007 [1878].
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, *D. Maria II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- DEFRANCE, Olivier Léopold Ier et le clan Cobourg, Bruxelas, Éditions Racine, 2004.
- DURÃES, Margarida, *A rainha mal-amada. Amélia de Orleães*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.
- GUEDES, Carmina Correia, *A educação dos príncipes no Paço da Ajuda (1863-1884)*, Lisboa, Ministério da Cultura/ IPPA/ Palácio Nacional da Ajuda, 2004.
- LEMONS, Ester de, *D. Maria II (a rainha e a mulher)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1954.
- LOPES, Maria Antónia, *D. Fernando II. Um rei avesso à política*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013 (e Lisboa, Temas e Debates, 2016).
- LOPES, Maria Antónia, *Rainhas que o povo amou. Estefânia de Hohenzollern. Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011 (e Lisboa, Temas e Debates, 2013).
- MÓNICA, Maria Filomena, *D. Pedro V*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- PROENÇA, Maria Cândida, *D. Manuel II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.
- RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.
- RIBEIRO, José Alberto, *Rainha D. Amélia. Uma biografia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013.
- SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da & FERNANDES, Paulo Jorge, *D. Luís*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.
- TEIXEIRA, José, *D. Fernando II. Rei-artista, artista-rei*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1986.